

**A LINHA DIVISÓRIA  
DE ISTAMBUL  
& TURISMO  
EM TEMPO  
DE GUERRA**

CRÔNICAS DE VIAGENS

**CAROLINA  
DEGRAZIA  
&  
JOSÉ EDUARDO  
DEGRAZIA**

Penalux, 2021

## Prefácio

Oportunidades de beira de estrada

Oferta: pague um, leve dois.

Aproveite: dois livros num único volume.

Mais: um presente adicional.

Um livro, dois escritores; muitas viagens, dois estilos; pai e filha, duas visões de mundo. Não apenas no conteúdo – também na forma. Isso mesmo, acredite-me. Aqui é assim, o leitor tem duas obras diferentes uma da outra, embora o gênero, a crônica, seja o mesmo; e o tema, também: a estrada.

Carolina Degrazia, a filha, começa suas crônicas por *London*, com *Presente de Viagem*. E tem melhor presente do que uma *trip*? E termina em Tóquio, com *Sushimi com café. Saionara*. Que coisa! Esse povo da estrada tem cada uma. Mas há muitas peripécias ao longo do caminho, além das pedras: uma viagem à Veneza aos dezesseis anos (pobre *mamma!*) e um casamento nas Seichelles com, com... bem, aqui ela não disse a idade. Ou, se disse, foi tão sutil que nem percebi. Tá certo, quando temos dezesseis anos vangloriamos-nos da idade. Depois, esses detalhes vão ficando mais discretos. Que assim seja.

São recortes de lembranças, farpas de memórias levadas ao vento. Ou, como diria Bob Dylan: *Blowin' in the wind*. A diversidade é grande, mas três características estão presentes em todos os textos: uma visão generosa do mundo, comum aos jovens; uma mochila nas costas, comum aos espíritos jovens, e um estilo telegráfico, comum a quem não se

demora nos lugares por onde passa. Por que, para mochileiros (para quem viajar é um estilo de vida) cada lugar é apenas uma das peças de um enorme quebra-cabeça, chamado Terra. Aqui e ali são apenas nuances de um mundo multicolorido.

José Eduardo Degrazia, o pai – e poeta –, começa suas crônicas na *Ville Lumière* com *Os poetas de Paris — très chic!* —, e termina em Istambul, com *A linha divisória de Istambul*, onde foi testar o saldo do seu *kredi karti*. Também flana (poetas flanam, sabia?) em Portugal, pois, pois; e, claro, na Itália, *prego!* Esses poetas, eles têm asas; mas só as percebem outros poetas!

Muda não só o autor e os lugares, muda também o estilo, a visão de mundo, os interesses de um poeta e de uma mochileira, e tudo mais. Isso, essas duas visões entre um homem erudito e uma jovem, um poeta consagrado e uma *backpaker* é um presente extra do livro. Um brinde adicional. *Belive me.*

**Airton Ortiz**

*Escritor de livros de viagens, membro  
da Academia Rio-Grandense de Letras.*

# Turismo em tempo de guerra

Carolina Degrazia

## **Presente de viagem**

Em seu quarto contava os dias para a grande viagem. Nada sabia do destino, mas tinha plena convicção de que o futuro estava lá. Na bagagem carregava algumas roupas, cartas de despedida, massa de pão de queijo pronta – e o presente de sua professora com a promessa de abrir apenas na hora incerta da chegada. Foram doze horas aflitivas em que só pensava no futuro desconhecido, na família, nos amigos que deixara e na curiosidade de abrir o presente que ganhara. Logo na chegada, no pouso, chuva, céu cinzento e temperaturas muito baixas, características de uma cidade que parecia sem luz. Chorou escondida à espera da bagagem. Foi quando abriu o pacote que a professora lhe dera. Mais uma lágrima nele: um cartão com o seguinte lembrete: “Seu presente é o seu aqui e agora, em que o mais importante não é o destino, nem a chegada, mas tudo o que fará parte do aprendizado da sua caminhada, que talvez faça sentido apenas nos últimos minutos desta jornada chamada sua Vida”. Ela guarda o choro, abre um sorriso, recolhe a bagagem e ultrapassa a porta de chegada: “Welcome to London”.

## **Londres: cidade sem luz**

A primeira impressão que se tem de Londres é de uma cidade cinzenta, fria e sem luz. Mas a luz que emana dela transcende a compreensão da física. Está nos mercados de rua aos sábados e domingos, nas lojas iluminadas da Picadilly, nas mais diversas opções de teatro, museus e musicais que tem a oferecer como nenhuma outra cidade da Europa. Dessa forma, Londres é uma cidade efervescente, de mil possibilidades, de centenas de ruas, lojas, das mais variadas cervejas, às vezes quentes, mas para todos os gostos.

As famosas *pints* que são servidas em todos os bares e *pubs* da cidade até às 23 horas quando o sino toca e é hora da última rodada antes de fechar o bar. O difícil é economizar. Londres você escolhe, ou mora bem, mas muito longe pagando caro o bilhete de ônibus, ou mora num quarto pequeno no centro da cidade, com mais umas vinte pessoas, mas com a possibilidade de falar aos quatro cantos que mora num *flat* em pleno coração da cidade.

Não importa o quanto ganhe, você gasta na mesma proporção. E assim começa o dia de todos no trem em direção ao trabalho. Ler as notícias ou fofocas do dia anterior no jornal cortesia, reclamando da falta de dinheiro, o discurso diário de conhecidos quando se encontram no trem: Bom Dia, sem dinheiro hoje também? Mas sem *stress*, nos encontramos no *pub* hoje à noite? O mesmo de ontem? E o trem segue seu rumo.

# **A linha divisória de Istambul**

José Eduardo Degrazia

## Os poetas de Paris

Paris.

Uma cidade começa a existir quando pela primeira vez botamos os olhos nela. Não importa quantos livros tenhamos lido, quantas fotos e filmes tenhamos visto, as histórias e versões sobre sua existência e qualidades que nos tenham contado antigos viajantes. A cidade que nos espanta e maravilha, transforma tudo o que sabemos sobre ela no olhar que se derrama feito óleo perfumado sobre suas casas e edifícios, sobre seus parques e avenidas.

Assim é Paris, cidade que amamos desde muito antes de visitá-la pela primeira vez. Vivem em mim os antigos *chansonniers* que ouvia nas rádios da madrugada dos velhos tempos do interior; vivem em mim os pintores que desenharam suas ruas, suas mulheres, seus trabalhadores; vivem em mim os poetas que li nas antigas antologias compradas com o suado dinheiro de estudante nos sebos de Porto Alegre. Paris é uma cidade que sonha e nós sonhamos nela.



## A canção francesa

Comprei uma caixa com dez discos da canção francesa dos anos 40 a 70 do século passado. Na minha infância e adolescência muito os escutei, junto com a grande geração de ouro da canção italiana, e a bossa nova brasileira que dava seus primeiros passos no final dos anos 50. É bom ouvir esses velhos cantores e compositores com alma parisiense. É certo que nem todos sobreviveram ao desgaste do tempo e dos velhos discos de vinil. A diva Edith Piaff é fora de série com sua intensidade, e voz rascante e sofrida: pode-se ficar ouvindo a noite inteira, de preferência bebendo um espumante.

Outros, nem tanto. Gilberto Beaud parece ter diminuído, quase desaparecendo nas suas brincadeiras cantantes. Infelizmente não encontro nesta coleção a canção dele que mais gosto, *Et maintenant*. Yves Montand com sua interpretação de *feuilles mortes* é para sempre. Charles Asnavour está tão perto de mim quanto a jovem guarda. Gosto de sua voz rascante, de sua interpretação agônica, de sua com/paixão amorosa. Mas como não tem *La Bohème* nessa antologia? Henri Salvador é interessantíssimo com seus ritmos caribenhos e jazzísticos. Contam que ele dizia que fora o verdadeiro inventor da Bossa Nova. Sua tentativa de samba, em Maria da Bahia, é interessante. Juliette Gréco é uma deusa, todas as suas interpretações são fortes e sinceras e criam climas de neblina. Infelizmente, cheguei muito tarde em Paris para ouvi-la. Bela voz a de Georges Brassens, composições interessantes, as melodias, nem tanto. Gosto de Tino Rossi, um



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Chaparral Pro  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2021.